

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Editor

José dos Santos Pedrozo Junior
A LIBERAL — Offic. Typographica
Rua de S. Paulo, 216

Quarta-feira 1 de março de 1899

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 reis
Provincias, 6 mezes	600 »
Numero avulso	60 »
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

Tiro Nacional. — Uma nova couraça. — União dos Atiradores Civis Portuguezes, Commissão executiva, balancete de janeiro, resultado do 3.º to. neio, aviso e carreira de tiro. — O Seculo. — Natal de 1898, por FERNANDES CO TA. — Caçadas a Calhariz, por . . . — O defezo. — A crça em Portugal por B. de SÁ. — Pedro Paulo de Carvalho. — Concessão. — Mario Duarte. — Velocipedia por MAOALIKES FONSECA. — As touradas pelo lado historico por EDUARDO DE AGUILAR. — Torneo Athletico. — Automobilismo. — Anuncios.

GRAVURAS

Mario Duarte. — Na ria de Aveiro.

TIRO

Tiro Nacional

CONSTA-NOS que devido aos esforços altamente patrioticos de um nosso amigo, está no melhor caminho de realisação um importantissimo melhoramento, cujo bom exito será devido a dois cavalheiros a quem registaremos os nomes, com louvor, nas columnas de *O Tiro Civil*.

Trata-se de levar a effeito a construcção de uma carreira de tiro, em Villa Viçoza, para serviço e instrucção da Escola Practica de Cavallaria.

O ponto que parece estar escolhido é no Outeiro da Mina, que fica situado a leste da estrada e a meio caminho entre Borba e Villa Viçoza; o local é magnifico e o mais apropriado para tal fim, podendo a carreira ter 500 metros de extensão, o que é mais do que sufficiente; a construcção muito facil e subretudo muito pouco dispendiosa, acrescentando a enorme vantagem de segurança e economia por terminar com um espaldão de 60 metros de altura.

A iniciativa da construcção da carreira, em sitio tão bem escolhido e tão de molde áquelle serviço, que já tem opinião favoravel do respectivo official de engenharia, é devida ao sr. tenente-coronel, e nosso particular amigo, Luiz Mardel Ferreira, um dos nossos officias de cavallaria mais distinctos e illustrados e actualmente comandante da escola, cabendo-lhe os maiores elogios pelo serviço que presta ao estabelecimento a seu cargo e pelo proveito que d'elle pode tirar o elemento civil, instruindo-se, praticamente, no manejo e conhecimento da arma de guerra. Ao distincto official, pedimos que empregue toda a sua energia e boa vontade na realisação de tão util quanto necessario melhoramento.

Os terrenos em que se deve levar a effeito a obra projectada, são baldios e pertencem á Camara municipal de Borba, o digno presidente d'esta municipalidade o sr. João da Silveira de Souza Leitão é tambem um apostolo de tão patriótico melhoramento, e, tanto assim é que parece que a Camara cede generosa e gratuitamente os terrenos necessarios, tornando

realisavel e economica a construcção, pelo que a este cavalheiro e a todos os seus dignos collegas cabem os maiores e mais rasgados elogios.

A carreira no local em que fica, é perfeitamente accessivel aos povos de Borba e Villa Viçoza podendo estes irem alli receber a instrucção de tiro, a que por certo não faltarão adeptos, em terras onde abundam os caçadores e bons atiradores, o que tudo reverterá em proveito da defeza nacional.

Na sessão da commissão executiva da *União dos Atiradores Civis Portuguezes* realisada em 6 de fevereiro findo, foi pelo seu presidente communicada a noticia sobre a nova carreira de tiro, propondo ali um voto de congratulação por tal empreendimento, e que propria em con-



Mario Duarte

Distincto sportsman; fundador do *Gymnasio Club Aveirense*

selho gerente da *União* para que este envie áquelles dois cavalheiros uma mensagem de louvor.

Fazemos votos para que se realice com urgencia este novo melhoramento, por isso que, é inadivél tudo o que diz respeito á defeza nacional, e esta, precisa primeiro que tudo de muitos e bons atiradores.

Uma nova couraça

Um jornal francez publicou recentemente um artigo ácerca de um novo invento que, reputamos de uma grande importancia militar.

Trata-se de uma couraça-plastrão destinada ao exercito; e como o assumpto é interessante e o bom resultado d'esse invento, parece demonstrado, vamos reproduzir as informações que a tal respeito se encontram no referido artigo.

A arte de matar tem progredido por modo tal, que todas as nações europeias se horrorizam, com justificada razão, do tremendo flagello que seria inevitavelmente uma guerra em nossos dias.

Entretanto, por toda a parte se procura com afan uma nova invenção, uma polvora, uma espingarda, qualquer arma, emfim, que permita matar a maior distancia. Com as espingardas actualmente em uso nos exercitos mais bem armados já os inimigos poderiam matar-se uns aos outros sem se verem.

Abstrahindo por completo da coragem militar, pode dizer-se, portanto, que a victoria será da nação que tiver melhor armamento, isto é, da

que possuir espingardas e peças de artilheria de maior alcance, exceptuando, todavia, o caso dos seus soldados serem protegidos por uma couraça impenetravel, que lhes permita approximarem-se dos adversarios.

De mais perto melhor pontaria se faz, e por isso não deve causar admiração saber que nos ultimos tempos os alemães tem dirigido as suas pesquisas no sentido de conseguirem, sem perigo, essa desejada approximação. Um dos seus compatriotas, Dowe, e um americano, Loris, construíram já dois modelos de couraças para a infantaria; mas, a insufficiente impenetrabilidade e o excessivo peso d'estas armas defensivas, obstarão a que ellas fossem adoptadas.

Veremos se a França é mais feliz com a recente invenção do seu compatriota o sr Thuaud.

Como succede quasi sempre, foi um mero acaso que suggeriu a ideia pri-nordial do invento. Um dia, regressando á aldeia em que reside, o sr. Thuaud encontrou no caminho uma creança a brincar.

Tinha ella uma bola de cautchú, que collocara no angulo de uma parede, e, com um caco de garrafa, tentava, por divertimento, fural-a.

Trabalho baldado.

Apesar de muito agudo, o vidro resultava na flexivel pela. E a creança estava já resolvida a desistir do seu intento, quando subitamente lhe occorreu uma ideia. Inverteu os papeis, pegou na bola, bateu com ella sobre o caco, e assim, com grande satisfação, conseguiu rompela.

Explica este simples facto a theoria das forças. E Thuaud pensou immediatamente em pô-la em pratica.

Foi assim que germinou no seu espirito a ideia da couraça-plastrão.

Tal como se acha agora construida, compõe-se ella de tres peças principais: dois amortecedores e uma peça de resistencia.

De que materia são feitos estes amortecedores? De que metal é a peça de resistencia? Qual é a exacta construcção do apparelho? Tudo isto são segredos do invento.

O que, porém, afirma o jornal de que colhemos estes dados, é que os resultados obtidos são maravilhosos, e que se conseguiu deter a *des-metro*: uma bala de espingarda Lebel, como o demonstraram as experiencias a que mais adiante nos referiremos.

O plastrão-couraça pesa 3 kilos e 200 grammas, tem de espessura 4 centimetros, de comprimento 30 e de largura 23. É ligeiramente arqueado no sentido da altura do corpo, que protege desde os hombros até á cintura.

Thuaud trabalha ha tres annos e meio no seu invento, e, a datar do mez de novembro de 1897, tem procedido a numerosas experiencias, as primeiras das quaes na carreira de tiro de Augouleme.

Essas primeiras experiencias não foram, porém, concludentes. A 100 metros, de sete balas Lebel cinco atravessaram o apparelho, e duas ricochetaram.

Era necessario conseguir mais; e por isso o inventor persistiu nos seus estudos, e em dezembro ultimo obthina resultados indiscutíveis. A 50 metros, um homem munido com o seu apparelho podia affrontar as balas da espingarda Lebel. O plastrão-couraça punha-o em completa segurança.

Logo em seguida o sr. Thuaud dirigiu-se a Paris e apresentou-se no ministerio da guerra, onde o seu invento pareceu tão importante aos officias a quem elle o expoz, que o convidaram a escrever sem demora ao ministro, que no seu entender deveria ordenar immediatamente as experiencias officias.

Até agora, porém, ainda o sr. Thuaud não teve resposta.

Não quiz elle, todavia, deixar Paris, sem que pessoas competentes julgassem da efficacia do seu apparelho. E a experiencia que ultimamente se realisou na presença de um armeiro e de um antigo official superior do exercito, é das mais concludentes.

Na falta de espingarda Lebel, empregou-se a

espingarda ingleza Lee Metford, quasi equivalente áquella. As balas, de 32 milímetros de comprimento e 7,7 de diametro, eram de chumbo com involucro de uma liga de nickel, e os cartuchos carregados com pólvora, pelo menos equivalente á pólvora franceza sem fumo denominada Cordite.

Declarou o armeiro que em taes condições a rapidez inicial e a potencia de perforação dos projectis eram pelo menos equivalentes ás de uma bala expedida por uma Lebel. Pois a experiencia realisou-se á distancia de dez metros, e as duas balas penetraram nos amortecedores do aparelho e não sahiram. Como vestígios apparentes apenas ficaram dois orificios de entrada. Debalde se procuraram os orificios de sahida. Para saber o que tinha sido feito das balas desmanchou-se o plastrão. O chumbo fundi-se na peça de resistencia, e só se encontraram restos da liga nickelada do involucro.

Consultado sobre a força de penetração dos projectis expellidos pela arma empregada, respondeu o armeiro que, se em vez de atirarem sobre o plastrão-courea do sr. Thuaud, tivessem atirado sobre outro objectivo, pranchas de carvalho ou de abeto, por exemplo, á distancia de 400 metros as balas teriam penetrado 90 centímetros no abeto e 60 centímetros no carvalho; a 1:000 metros atravessariam ainda 23 centímetros de abeto e 16 centímetros de carvalho. E a 10 metros não atravessaram o plastrão-courea do sr. Thuaud, o que prova ser elle realmente efficaz.

M. F.

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Reconhecida como associação patriótica por decreto do ministério da guerra de 13 de outubro de 1898

Sede official, Carreira de tiro em Pedrouços
(Esta revista é órgão official da União)

Parte Official Commissão executiva

ACTA N.º 10

SESSÃO EM 25 DE FEVEREIRO DE 1899

Foi aberta a sessão ás 9 horas da noite, na redacção de *O Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, José Nunes Gonçalves, Fraga Pery, Correia Pinheiro, Vieira da Silva Junior e E. de Noronha.

Lida e approvada a acta da sessão anterior.

Lidos convites para a *soirée* do Real Gymnasio Club e Club Musical de Amadores.

Depois de ponderadas e discutidas as vantagens e os encargos dos diversos theatros, resolveu-se effectuar o espectáculo, em benefício do cofre da *União*, segundo o art.º 3.º dos estatutos, no theatro D. Amelia, em 23 de Março proximo.

Mais se resolveu, que a esta festa, se desse todo o brilhantismo, buscando imprimir-lhe caracter de festa patriótica, em attenção ao fim a que é destinada.

Resolveu-se lançar em acta um voto de louvor pela muita dedicação que o sr. Vieira da Silva Junior tem mostrado, na organização do archivo e bibliotheca da sociedade, e um outro de reconhecimento por o mesmo cavalheiro ter mandado arranjar, a expensas suas, nma estante de vinhatico que em tempo foi oferecida á *União dos Atiradores Civis Portuguezes* pelo sr. Anselmo de Sousa; este armario foi collocado no gabinete que a *União* tem na carreira de tiro.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas da noite.

O SECRETARIO

EDUARDO DE NORONHA.

Balancete mensal

JANEIRO

Receita:			
Saldo do mez anterior.....	162\$747		
Productu da inscripção do 3.º torneio.....	5\$700		
De quotas de socios.....	29\$400	197\$847	
Despeza:			
Fremios do 2.º torneio....	16\$880		
Cartuchos fornecidos aos alumnos das escolas e collegios, que recebem educação gratuita.....	8\$200		
Commissão de cobrança de quotas.....	2\$805		
Expediente e estampilhas...	2\$270	30\$155	
Saldo que passa a fevereiro.....	Rs....	167\$692	

Lisboa, 31 de janeiro de 1899.

O THEZOUREIRO

A. Correia Pinheiro

Resultado do 3.º torneio realizado em 22 de janeiro de 1899

N.º de metrcilla	NOMES	ALVOS						TOTAL DE TIROS ACERTADOS						Classificação			
		300 metros			200 metros			1, 9	10	11	12	13	14		15	16	
		Vermelhas	Brancas	Somma	Figuras	Repet.	Somma										
197	João Consiglieri Pedroso.....	5	5	2	3	3	10										
1	Agostinho Manoel de Sousa.....	2	4	3	1	1	9										
229	Manuel Antunes Barata.....	1	1	5	1	1	7										
93	Joaquim de Sousa Padessa.....	2	2	4	5	3	3			12							
200	Augusto Eustaquio de Seixas.....	5	5	4	2	2	4				13						
144	Luiz Arêde Correia Saraiva.....	2	1	3	3	4	2	6			12						
71	Gil Vasques da Cunha Portocarrero.....	5	5	5	2	2	2			12							
227	Guilherme de Vasconcelos Abreu.....	2	2	3	1	5	5	10									
176	Nicolau Taylor Vianna.....	2	3	3	1	3	4	10									
225	Francisco Roiz da Costa.....	1	2	3	3	4	1	5		11							4.º
80	Ignacio Franco.....	4	5	5	2	4	6										1.º
224	Joaquim Carrilho Garcia.....	1	3	3	3	4	4	10									
204	João Vieira da Silva Junior.....	2	2	5	1	1	7										
203	Chrysogono Nunes Pinto.....	1	1	2	4	1	4	5		11							
88	Joaquim Fraga Pery de Linde.....	1	3	4	4	4	4	8									2.º
193	João de Moraes Carvelha.....	1	1	2	1	2	3	6									
74	Gustavo José de Jesus.....	3	3	2	1	3	4	9									
222	Augusto Pinto Basto.....	1	1	2	1	1	6	7		10							
192	Alexandre Leuzinger.....	1	1	3	4	3	7			11							
50	Emilio Kesselring.....	2	1	3	4	1	6	7					14				3.º
184	Roberto Rogenmoser.....	2	2	4	1	2	4	9									

Lisboa, 22 de janeiro de 1899.

O JURY

VISTO — O DIRECTOR DA CARREIRA

Alberto José Vergueiro

A. M. da Cunha Bellem
Anselmo de Sousa
Eduardo de Noronha

AVISO

No dia 23 do corrente, no theatro D. Amelia, realisa-se um magnifico e patriótico espectáculo em favor da «União». Os srs. socios que queiram marcar logares podem-no fazer até ao dia 10 do corrente, avizande para a rua do Crucifixo, 19, 1.º

O SECRETARIO

Eduardo de Noronha.

Carreira de tiro

No domingo, 26 de fevereiro, realisou-se o 4.º torneio da *União*, ganhando o 1.º premio, 17\$925 réis, o sr. Alexandre Leuzinger que empregou 18 balas em 20 tiros, e o 2.º premios 10\$460 rs. o sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, que empregou 17 balas em 20 tiros.

Concorreram á carreira 16 alumnos das escolas de Lisboa, fazendo 125 tiros dos quaes empregaram 53 balas. A importancia de 3\$125 rs. de cartuchos foi paga pelo cofre da *União*.

Matriculou-se de novo, Amílcar José d'Almeida Tocha, de 15 annos, natural de Lisboa e alumno do Lyceu Polytechnico.

Secção litteraria

“O Seculo” — Natal de 1898

É este o segundo *Christmas Number*, publicado pela empreza d'*O Seculo*, esse importantissimo órgão diario da imprensa portugueza. Difficilmente se pôde exprimir, em termos que resumam só verdade, n'estes dias de vertiginoso reclamo, todo o valor, todo o merito, quer litterario, quer artistico, que dão excepcional importancia a estes dois annuarios primorosos.

Estamos costumados, por nossa infelicidade e por nossa humilhação, a admittir, no que respeita a processos e a execuções d'arte, um aforismo deprimente, que nunca jamais devia ter curso, mas que todos deixam passar como indiscutivel, como perfeitamente razoavel, encontrando n'elle até mesmo uma certa consolação.

Deante da obra d'arte, geralmente imperfeita, insufficiente, quando obtida pelos nossos naturaes recursos, o apreciador tranquillisa-se, quando pôde dizer: *Para nós, ou, para cá, não está mal!*

Attingido o limite até onde esta apreciação alcança, todos ficam satisfeitos. Seria loucura tentar subir mais além. O bom, o optimo, o admiravel faz-se lá fóra; é condão de extranhos; importámo-lo, para nosso pasmo, que não para nosso modelo, nem para nosso exemplo. É como que nos gloriámos na humildade com que a nossa arte se resigna a ser uma especie de claro escuro para a arte estrangeira!

Ora, isto não pôde ser. Em cousa alguma é licito que fiquemos atrás de ninguém. Somos uma provincia da grande unidade europeia; um arrabalde, quasi, de Berlim, de Paris, ou de Londres. O encurtamento das distancias, pela facilidade das communicações, tem-nos hoje mais perto de qualquer d'esses centros do que o estavam, ainda ha pouco, respectivamente para cada um, Munich, Marselha ou Edimburgo. Como tolerar, como justificar, que a arte avance por toda a parte, que transcenda os mares, os continentes, os hemisphérios, e que não se humilhe de permanecer mediocre, improgressiva, estacionaria... em Lisboa?!?

Assim o entendeu, como o estamos dizendo, a empreza, tão intelligente quanto laboriosa, d'*O Seculo*, quando se decidiu a dar á estampa, annualmente, os seus magnificos numeros illustrados, dos quaes temos em frente de nós o segundo, captivando-nos com os seus attractivos, e satisfazendo-nos com a sua perfeição.

Estamos habituados, de ha muitos annos, a ver os magnificos numeros do Natal publicados pelos grandes jornaes inglezes: *The Graphic*, *The Illustrated London News*, *The Chatterbox*, e ultimamente o inexcédvel *Pear's Annual*, não falando no *Yule Tide*, no *Father Christmas*, e n'uma grande abundancia de outros, que já vão apparecendo com facilidade nas nossas livrarias, e tendo no publico uma

certa circulação. Em França, na Italia, na Allemanha, na Russia, publicam-se numeros similares, caprichando cada qual em se distinguir como verdadeiro modelo de todos os adiantamentos graphicos, sendo um prazer para os olhos, uma alegria para o espirito, e uma exigencia, até, de cultivo superior e de esmerada educação, cada um d'esses exemplares, aguardados impacientemente pelo publico, que em poucos dias lhes exgota as innumeraveis edições.

Tentar, entre nós, qualquer cousa que fosse manifestamente inferior ao que é vulgar, ao que é já commum por toda a parte, ao que tão excellentemente se faz pertissimo de nós, seria imperdoavel, e mereceria mais depressa formal censura do que benevolencia ou coadjuvação.

Não podia, no entanto, *O Seculo*, por si só, dar realidade aos seus bons desejos, se parallelamente o não acompanhasssem tantas outras acções individuaes ou collectivas, concorrentes todas para um exito, que elle teve o mérito de vêr e de associar para o conjunto, depois de caber a cada uma o maior louvor pelos seus esforços isolados.

Com effeito, na unidade da obra, tão simplesmente bella depois de erguida, pôde a observação superficial não distinguir quanta multiplicidade laboriosa concorreu para a edificar. A' empreza benemerita d'*O Seculo* pertence primeiro o merecimento de ter observado o quanto era possivel exigir d'esses multiplos coadjuvantes; depois a gloria de os haver intelligentemente associado.

Isto representa, ao mesmo tempo, uma comprehensão artistica, merecedora de todos os encomios, e uma protecção, artistica tambem, á qual nenhum louvor deve ser regateado.

Nada diremos do conjuncto litterario, que é na verdade excellente, pois não é esse o ponto de vista que mais particularmente nos importa. Juntar uma boa collaboração de homens de letras não é tarefa difficil, tma vez que tenha a competencia precisa aquelle que fôr encarregado de fazer a selecção. As letras amenas, embora não cultivadas entre nós com aquelle esmero com que outr'ora já o foram, têm ainda quem d'ellas cuide com certo mimo e com tal ou qual amor. E o director litterario d'estes numeros illustrados e annuaes d'*O Seculo*, que é ao mesmo tempo o seu director artistico, tem competencia que sóbre para realizar com o maior lustre a sua dupla missão.

Mas, obras litterarias muito boas têm sido publicadas, aqui e em toda a parte, em pessimas condições materiaes, sem todavia soffrer com isso o seu valor.

No genero de trabalhos e de publicações a que pertencem as que estamos considerando, a parte litteraria, por optima que seja e deva ser, depois de ter alimentado a inspiração artistica, que a completa e a acompanha, como que se retrai a segundo plano, subordinando-se aos esplendores materiaes, que elle não podem dar realce se ella de sua natureza o não tiver, e que por si proprios se impõem.

Resumindo: a obra litteraria, n'estes termos, passa á condição de ser um pretexto tanto para a expansão como para a execução artistica.

Por conseguinte, se essa expansão e essa execução falharem, o verdadeiro fim do commettimento não foi conseguido. E melhor fôra não haver tentado este, do que testemunhar por tal fôrma a despro-

porção entre a exiguidade dos proprios recursos e o arrojado da tentativa.

Todos quantos contribuíram para a edificação artistica, que temos presente, provaram não ser inferiores ao que d'elles se esperava, ou era exigido.

Logo, no brilhantissimo frontespicio que serve de capa, Roque Gameiro, o aguarelista tão justamente considerado, dá-nos uma composição, que não vimos celebrada ainda á altura do seu notavel merecimento.

Sobre um fundo de azul intenso, salpicado a estrellas d'ouro, e formando tarja, toma vulto como que um trecho de parede, no qual se rasga, firmada em columnelos polychromos, uma ogiva talvez gothico-primitiva no traçado, porém phantasiada e moderna nos adornos. Lá dentro, na profundidade do ambito a que ella dá penetração, em vez do escuro proprio dos interiores quando vistos da luz, o mesmo azul estrellado e vivo como se nos quizessem dizer que estávamos á entrada do ceu. Ali, á esquerda, um tocheiro renascença italiana, no qual bruxuleia um cyrio amarello proximo a extinguir-se, mal se lhe vendo a chamma que o dia empalidece, equilibra na composição um vaso de argila hispano-arabe, que ao outro lado pausa, e do qual emerge, em florescencias ornamentaes, esbelto, tendendo para o espaço, o lyrio mystico.

Sob a ogiva, enchendo todo o seu perimetro interno, a Madona, bysantinamente aureolada, cabellos negros e em desalinho, envolta n'um grande panno informe, côr de rosa desmaiado, com o avêso branco, sorri, na sua aberta e saudavel physionomia de rapariga do campo, exultando de jubilo maternal, e dando um louro Jesus a beijar a dois robustos *babies*, de agora, da nossa época, cheios de curiosidade, os quaes assentam junto ao pé descalço da Virgem Mãe, os seus pés calçados de piugas inglezas e sapatos de polimento fino.

Como se vê, na despreocupada combinação d'estes elementos anachronicos, ha uma *ingenuidade* intencional, de um grande cunho artistico. Não disparatam uns com os outros, nem as figuras, nem os accessorios; e de toda a composição resalta, por assim dizer, uma noção de unidade, no espaço e no tempo, que se nos figura ser profundamente suggestiva.

Em nosso entender, Roque Gameiro teve, na disposição d'este seu trabalho, uma inspiração felicissima. Na distribuição das tintas, na franqueza dos pannelamentos, na gradação de todos os cambiantes, no desenho e na expressão das figuras, não foi menos feliz.

Mas tambem o não foram os obscuros collaboradores, que fizeram a estampagem do seu trabalho, e dos quaes toda a gloria se concentra nas excellentes officinas da *Companhia Nacional Editora*, sollicitas em manterem constantemente um bello recrutamento de pessoal artistico, sob a direcção de profissionaes para quem a rotina é odiosa, e que todos os dias se aperfeiçoam e progridem. Consola-nos fazer-lhes esta justiça.

Claro está que nos não é possivel, em noticia já de mais alongada, dizer da obra de cada *illustrador* as excellencias que a distinguem. Por equal, embora cada um no seu genero, e cada um no seu temperamento, nos merecem applausos: Leopoldo Battistini, Francisco Teixeira, um novel artista que revela boa comprehensão e singular delicadeza nos modestos trabalhos com que se apresenta, illustrando um formoso conto da sr.^a D. Claudia de Campos, e Antonio Ramalho, e João

Vaz, e Jorge Collaço, e Luciano Freire, e Columbano, e Manoel Gustavo e Conceição e Silva. Crêmos que nos não esquece nenhum.

Faz gosto ver a admiravel *Cozinha*, tão alegre, tão illuminada, tão fresca, com que Ramalho enriquece a *Arvore do Natal*, um delicado conto do sr. Antonio Ennes; e, n'outro estylo, o quadro do sonho infantil, do mesmo artista, preciosamente fixado, por um novo e original processos de photogravura a côres, devido a um dos mais benemeritos collaboradores de quasi todos estes optimos trabalhos, o sr. José Pires Marinho.

A elle devem já agora, e devel-a-hão cada vez mais, os nossos habeis desenhadores e aguarellistas; a satisfação de lhes não serem deturpadas pelos atrazados processos até agora ao nosso dispôr, as produções do seu talento, que tão difficéis eram de vulgarisar por maneira satisfactoria e honrosa, até aqui.

Para nós a apresentação dos progressos introduzidos na arte da photogravura, pelo intelligente e laborioso industrial a quem, por assim dizer, se deve no nosso meio a implantação d'esta industria artistica, tão util e de tamanha applicação, é a maior novidade, a que mais deve ser festejada entre tudo quanto distingue este numero illustrado do *Seculo*, e aquella que mais notavelmente o caracteriza.

Cumpra-se o dever de se dizer e de se reconhecer isto.

Rivalisam com tudo quanto de mais perfeito nos veem do estrangeiro, n'este mesmo genero, isto é, com as soberbas illustrações coloridas do *Figaro Illustré* e do *Meggendorfer Blatter*, os trabalhos executados pelos modernos processos do sr. Pires Marinho, e que, n'este delicioso numero illustrado acompanham o conto *Natal Mystico*, do sr. Lino de Assumpção e o poemeto *Alleluia*, do sr. Delphim Guimarães. Devem ter ficado satisfeitos, ao vêrem esta nitida e fiel reprodução dos seus trabalhos, Conceição e Silva, que tão finamente soube interpretar as suavidades do primeiro, e Roque Gameiro que tão artisticamente se compenetrou da concepção vaga e phantastica do segundo.

A secção dos annuncios, confiada na sua maior parte ao *savoir faire* typographico dos eminentes artistas que compõem os quadros da *Companhia Nacional Editora*, mantém os creditos elevados que a arte da typographia, no seu perfeitissimo desempenho, entre nós de ha muito adquiriu.

Não pronunciámos ainda o nome do nosso amigo e collega, Silva Graça, a cujo impulso se devem estas novas manifestações da actividade, da intelligencia, da boa ordem com que no governo e direcção da grande empreza jornalística a que metteu hombros, tem feito verdadeiras maravilhas.

Mas esse nome está no espirito de todos os que nos lêem, desde o começo da nossa apreciação; e para elle convergem, e para elle se dirigem todas as felicitações que pelos seus optimos auxiliares temos distribuido.

Resta-nos só agradecer-lhe o exemplar com que a sua delicada attenção nos distinguiu.

FERNANDES COSTA.

Caçadas a Calhariz

E arte o affavel sorriso dos claros olhos a mostrar na transparencia o coração de generosa bondade que na bocca a dogura das palavras não desmente.

E' arte o ar distincto e nobre realçado nas galas pela riqueza.

Arte n'uns herdada, alliada, sem se saber, ao natural encanto, a que eu mais preso, não a aprendida, trabalhos, a denunciarse á vista, louvavel embora a criar futuro.

E' arte ainda a maneira da caridade a largas mãos alliviar dôres não humilhando; a exaltar em si sentimentos bons e puros que prodigálias nos preferidos a natureza.

Em tudo, em todos, em toda a parte e sempre a arte e a natureza, essas duas superiores verdades, as unicas talvez, a dominar unidas.

Até no mal a attenuar durezas, como o escultor no rijo marmore a idealizar o bello que a propria nudez não tira.

Assim a caça sem arte é morticínio, e o caçador matador sómente. Mate: se a brutesa do natural instincto manda, mas que a sua sombra encubra a sanguinaria açcão.

Annunciada ao som de bozina, da verdadeira, de concha, o buzio dos pintados e esculpidos mythologicos tritões, á luz de archotes a tornar pallidas as luzentes estrellas da fria noute de 20 de janeiro de 1870, entrava os portaes de ferro da esplanada em frente do Palacio de Calhariz uma cavalgada de prestos e bons cavallos que rendidos um pouco da jornada estendiam o pescoço á cedida mão dos que os montavam, caçados tambem não menos.

Criados que seguiam e outros de casa tomavam das redeas e do freio as abandonadas bestas, de que apejavam duas senhoras, — uma a dona da casa — ajudadas pelos cavalleiros: os maridos e o que estas linhas escreve.

Descançava mais que os outros com o terminar do dia para elle mais fadigoso no trabalho e nas responsabilidades, o já não moço feitor da propriedade, o administrador, o patrão na ausencia larga dos verdadeiros donos.

No seu cavallo russo, lanzudo, pacato e triste fizera duas vezes o caminho nas voltas e reviravoltas a que o obrigara o chamar as atrasadas carruagens em que as senhoras descançavam, cuidar e acudir á dispersa e extensa caravana de carros e criados, e procurar os que nas inumeras verdades se perdiam.

A toque de bozina, de latão, essa, e de palheta, a demandar menos sopro e arte, o fazia, a dispartar echos nos pinhaes, sons plangentes sem resposta, fazendo-o rubro de desespero, e elle e a almária estafados ambos, um lago os dous.

Foramos de Lisboa, pelo Seixal ou por Cacilhas—duvidas das senhoras que a delicadesa ainda hoje manda respeitar — por caminhos, — não havendo ainda estradas, — a pesar de reparados a proposito, traçoeiros, estafando na fofa areia o gado e nas occultas raizes fazendo em estilhas as carruagens. Que o diga a victoria que destrah mãos e mais videntes olhos femininos a guial-a não souberam impedir ficasse um feixe.

Mas que de bellezas!

O Tejo, atraz, formoso, a alvejar ao longe o casario de Lisboa; passada, a principio, a imital-a, seguida rua, casas a rearrar: a da janella pintada do gato no tapete e outras; quintas, parreiras portuguezas e mirantes debruçados sobre a estrada — ali estrada ainda — a entrar profunda nas barreiras dos vermelhos saibros; pinheiros verdes a destacar-se n'elles sobranceiros; nas raizes, a descoberto, parecendo mal seguros, mas firmes, tranquillos; e o Tejo, de quando em quando a despedir-se nos esteiros, em baixo, a formar

serenos e espeilmentos lagos a reflectir as arvores, e o ceu d'esse limpido azul tão nosso. Mais adiante o sol, em raios, rompendo as verduras eternas das copas dos sombrios pinheiros allumiar as rasteiras plantas, com brilhantes reflexos nas humidas folhas e em cambiantes as nevoas, por vezes a sub'r dos fojos, para no cair da tarde prolongar sombras, roxo o ceu do alegre triste desaparecer do dia.

Natureza a segredarnos n'alma com a sempre eterna arte, mysterios a confortarmos.

*Di riposo
E di pace
Albergo vero*

Este agasalhador convite liamos sobre a porta principal a que chegavamos.

O Palacio parecia enorme na escuridão da noute; phantastico nas tremulas luzes dos archotes a ordava pensamentos cavalleiros e romanticos de Montoyas e Tenorios. Trazia á lembrança, a par das festas e praseres realmente alli gosados mais vivas as magoas e acerbas dores alli soffridas. Das alegrias e tristezas, — de algumas dá noticia um livro de aprimorada penna e consciencioso estudo ha pouco saído á luz.

Mas os meus contos só cuidam de caçadas, das suas alegri's envoltas na melancolia do passado, das suas desgraças, das que fazem rir. Só leio o livro por Deus aberto a todo, só escuto as tradições.

E da historia do palacio prefiro o que me ensinaram as do José, do velho criado que guardava a casa e a trasia um brinco, nos areados guardados cobres da cosinha, nas arrumadas e perfumadas roupas que mostrava com orgulho, no varrido e vasculhado das salas e dos quartos.

Do escutado aos amos e aos visitantes, do lido na bibliotheca, porque o desgraçado lia! do que esquadrinhava no serviço, e da superstição infundida pelos negros quadros na solidão das vastas salas e dos corredores sem fim, recebera impressões que expunha n'um mystiforio, com auctoridade, voz solemne e gesto grave, parecendo um sabio. *Verbi Gratia*; nm numero encontrado na ferrugenta chapa velha de um fogão dava lhe a data da fundação da casa pouco posterior a Christo; explicava genealogias em linha recta tornando libertinos, varões da Igreja, castos templarios e cavalleiros de Malta; S. Pedro n'um quadro, a cabeça só, era sempre S. Pedro e S. Paulo e os doze apóstolos, a substancia de todos augmentada; conhecendo os quadros apenas pelo que dizia do numero das molduras o catalogo, trocada a tela, dava as batalhas por jantares e retratos de familia por deusas mythologicas.

(Continúa)

CAÇA

O Defeso

COMEÇA hoje o *defeso*, que só termina no dia 14 de agosto. Bom é que todos se lembrem d'isto e muito principalmente as auctoridades a quem cumpre fazer acatar e cumprir a lei e as posturas municipaes.

Nós, como nos mais annos, aqui estamos na brecha pelo *defeso*, pedindo a todos os nossos estimaveis assignantes nos enviem noticias de todas as transgressões de que tiverem conhecimento.

Temos fé, que os esforços conjugados de todos, serão este anno, mais proficuos ainda que os annos anteriores.

A caça em Portugal

(Concluido do n.º 156)

PODE o sr. Affonso Cabral, como muitos outros caçadores egualmente dotados de sobriedade, ter a sua espingarda em repouso desde o encerramento da permissão da caça até ao inicio de novo periodo venatorio; outros, porém, não podem, como s. ex.^a sabe, ver oito dias a sua espingarda no armeiro; e estes, se não fossem á carreira de tiro do Club experimentar as suas polvoras, as suas buchas, estudar as suas cargas e saciar a sua grande predilecção pelo uso da espingarda, vèl-os-íamos, indubitavelmente, como em outro tempo, a engrossar a fileira dos transgressores do *defeso*.

E não cuida o sr. Affonso Cabral que as direcções do Club têm descurado a questão do *defeso*, preterindo esta pelo inoffensivo, util, benefico e agradável exercicio de tiro que se pratica na carreira; as direcções, a despeito do menosprezo a que estão votadas pelos poderes publicos, as leis e os regulamentos sobre caça, têm teimado sempre por levantar esses regulamentos e essas leis á altura em que se torna, de dia para dia, mais urgente colloca-as.

Que as auctoridades concelhias e criminaes cumpram o seu dever, é o que todos devem pedir, é o que todos devem conseguir por alcançar, e as associações de caçadores como o Club dos Caçadores do Porto, a que todos os amadores da venatoria deveriam pertencer, poderão, então, assumir a responsabilidade inteira das infracções que se pratiquem sobre caça.

Á frente do Club de Caçadores de Villa Nova de Famalicão, prestante sociedade, cuja existencia o sr. Affonso Cabral parece ignorar, está um cavalheiro respeitavel, apaixonado pela arte de Nemrod, e que é, tambem, uma auctoridade criminal; este Club, principalmente devido á posição auctoritaria do seu digno presidente, tem feito punir um crescido numero de caçadores que tem desrespeitado as leis da caça.

Se esse numero de transgressores tivesse de ser julgado em tribunales cujos delegados e juizes não fossem caçadores nem pertencessem á sociedade, que pedisse a punição dos delinquentes, estou convencidissimo de que a maior parte d'elles, senão todos, seriam protegidos pela franca impunidade.

Porto, janeiro de 1899.

B. DE SÁ.

Pedro Paulo de Carvalho

TEM estado em Lisboa, este nosso estimado amigo e assignante. E' um distinctissimo caçador e grande proprietario nas Galveias; parte hoje para sua casa depois de um laborioso trabalho de dez dias para despachar uma magnifica espingarda que mandou vir de Saint-Etienne, e que jazia na Alfandega desde principios de dezembro findo!

A historia do despacho d'esta arma, ainda nos levará a falar-mos do modo verdadeiramente extraordinario como se difficulta a entrada legal de armas de fogo; note-se que tratamos de espingardas de alma liza para caça, não se vá suppôr que o caso é com armas de guerra.

Ao nosso amigo, a quem muito folgamos em ter tido occasião de conhecer pessoalmente, desejamos uma boa jornada e muita fortuna com a sua nova arma.

Concessão

O ministerio da guerra concedeu licença á Associação dos Caçadores Portuguezes para estabelecer uma carreira de tiro a chumbo, em ter-

renos do hippodromo em Belem, junto á carreira de tiro.

Não se nos afigura que a Associação fique bem servida com a concessão para chumbo, quando ella forçosamente tem que ter carreira de tiro de bala para as espingardas de alma lisa, assim como tambem ha desejos de que a Associação tenha carreira para tiro reduzido.

Não sabemos a que veio esta restrição, que decreto não agrada nem corresponde ao pedido feito.

NAUTICA

Mario Duarte

ELLE representa, como valioso elemento militante, a corrente ha alguns annos orientada no sentido dos exercicios physicos. Eu não conheço pessoa alguma que, como Mario, tenha pela força, pela destreza, pelo desenvolvimento enfim do corpo humano, a admiração que elle sente, admiração não manifestada em palavras, mas sim na pratica constante de todos os generos de exercicios que constituem os varios ramos do que se chama o *sport*. Prêga principalmente com o exemplo, e isto denuncia a sua organização e constitue o seu melhor dote.

E' um homem de acção.

Alto, desempennado, musculoso, a na-



Mario Duarte — Na Ria d'Aveiro — De um instantaneo

tureza e a educação prestaran-lhe as formas estatuarías que fazem do homem, quando representa bem o typo zoológico, um bello animal e um animal bello.

Spencer se o conhecesse ficaria encantado.

A sua resistencia physica causa pasmo. Eu conheço grandes cyclistas, grandes toureiros, afamados cultores do *rowing*, diferentes especialistas enfim, que ganham os seus premios, alcançam as suas glorias no momento decisivo para o qual se preparavam longamente em *trainings* apropriados. Mas não conheço ninguém que, como Mario, juntem n'um só dia toda a resistencia necessaria para desempenhar com galhardia e destaque o seu papel em exercicios diversos.

Lembro-me agora de uma tarde de toudrada em que bandarillhou com a aptidão conhecida duas ou tres horas depois de ter alcançado o primeiro premio n'uma corrida velocipedica de 13 leguas em estrada.

Vi-o tambem no mesmo dia, correr em bicycleta, jogar uma partida de *foot-ball* e dois ou tres *match de lawn-tennis*, e isto tudo, com o *entrai*, a liberdade de movimentos da primeira hora.

E' de ferro? Não; é de carne e ossos. Mas a sua carne tem a plasticidade nervosa com que se faziam os atletas da Grecia, duros para o cansaço e rijos na lucta, no salto e na corrida.

Correu em bicycleta: tem medalhas. Rema; alcança premios tambem.

Joga o *foot-ball*, joga o *lawn-tennis*, joga as armas, monta a cavallo, faz tudo. E faz

tudo bem? Não, nem o podia fazer. Mas faz mais do que ninguém.

*Alli está por exemplo o toureiro.

Elle nasceu em Anadia onde ha vinho; não nasceu no Ribatejo onde ha touros. Não tem a pratica diaria com esses nobres animaes. Quando se lhe offerece occasião toureira. E, comtudo, apezar do pouco *training* distingue-se. Eu maravilho-me do que elle consegue fazer. Em Lisboa, já o tem visto trabalhar e a prova de que o cotam alto é que o convidam sempre para todas as touradas de amadores como elemento importante. E fica bem na praça: alto, o corpo desenhado pela jaqueta curta peninsular, as bandarilhas firmes nos braços estendidas, levemente pallido em face do perigo, mas sereno, á vontade e alegre.

E ahí têm a traços largos o que elle é. O que pôde vir a ser vèl-o-hemos. E' novo e é audaz.

Aveiro — fevereiro.

PAULO DE MAGALHÃES.

VELOCIPEDIA

A demolição do Velodromo de Algés — Triste historia de um corredor cyclista — Ainda o *Touring-club de França* — O mais antigo cyclista do mundo — 530 kilometros em 23 horas — Victima illustre de um accidente velocipedico — Corridas parisienses em projecto — Real Velo-Club do Porto.

DISSERAM-NOS ha dias que ia ser demolido o Velodromo de Algés. Apesar de recebermos esta informação de um amigo que nos merece inteiro credito, tanto pela sua seriedade como pelas suas relações no nosso meio velocipedico,

confessamos francamente que pozemos em duvida a exactidão da noticia, tão extraordinaria ella se nos affigou. Indagámos, porém, e soubemos, com justificada surpresa, que tal noticia é rigorosamente verdadeira.

De facto, pensa-se em demolir o Velodromo de Algés, porque as receitas que d'elle auferem os seus proprietarios não chegam nem para a renda do terreno em que está construido, e n'estas condições não ha quem queira tomar conta d'elle, nem mesmo por cedencia gratuita, que os seus referidos proprietarios, segundo tambem nos affirmaram, não hesitariam em fazer a quem se compromettesse a custeal-o e mantel-o.

Todos sabem, e todos confessam, que em Portugal o cyclismo se encontra immerso de ha muito n'um profundo marasmo, n'uma completa apathia. Exceptuando o Porto, onde, graças á influencia persistente do Real Velo Club d'aquella cidade, elle dá ainda frequentemente signaes de vida, no resto do paiz a sua existencia é por tal modo obscura e insignificante, que só muito raramente fornece ao jornalismo assumpto que sirva para uma local de meia duzia de linhas.

E' esta a verdade. Não nos queiram mal pela franqueza.

Não é de agora este estado de coisas: — dura ha bastante tempo e ameaça prolongar-se por muito mais, a não ser que lhe acudam com alguma energia e boa vontade, chamando-o á vida, á acção, ao movimento que lhe são proprios.

Houve no cyclismo nacional um periodo de animação e enthusiasmo. Foi ha tres ou quatro annos. Fundaram-se então clubs que rapidamente progrediram e prosperaram; construíram-se velodromos no Porto e em Lisboa, crearam-se nas mesmas cidades periodicos: — *O Velocipedista*, no Porto, e *A Bicycleta*, em Lisboa, — destinados exclusivamente a assumptos cyclicos; organisaram-se corridas que attrahiram o publico e despertaram enthusiasmo; vimos dar as suas primeiras provas corredores que mais tarde affirmaram a sua indiscutivel superioridade; desenvolveu-se o *tourismo*, é ate por esse tempo, affrontando corajosamente a pasmaceira e a indignação das turbas indigenas, appareceram em publico as primeiras damas cyclistas.

Mas, assim como nos casos pathologicos ás crises violentas succede em geral o abatimento e a prostração do enfermo, assim a este estado de relativa effervescencia succedeu o marasmo, o desalento, a indifferença a que nos referimos.

O Velodromo de Algés, tanto pela sua construcção como pelo local em que está situado, deixa muitissimo a desjar. Entretanto, desde que lhe fizessem as obras de conservação indispensaveis, poderia servir, á falta de outro em mais favoraveis condições, para a realização de corridas que muito contribuiriam para animar e desenvolver o *sport* velocipedico em Lisboa.

Demolido elle, decerto nenhum outro o virá substituir, pelo menos por agora, e assim deixarão de haver na capital corridas em pista. Em presença d'isto, deviam os clubs de Lisboa, a nosso ver, enviar todos os seus esforços para evitar que a projectada demolição se leve a effeito, e decerto lhes não seria difficil conseguir-o.

Objectar-nos-hão, talvez, que não pode haver vontade de effectuar corridas, desde que o publico deixa os velodromos geralmente desertos, mesmo quando ellas se annunciam com os mais pomposos réclames. A nós, porém, quer-nos parecer que se as corridas que se realisassem fossem sempre revestidas de um verdadeiro interesse *sportivo*, o publico ir-se-hia pouco a pouco affieçoando a esse genero d'espectaculos, e concorreria a elles, como concorre a muitos outros bem menos proprios a despertarem interesse e enthusiasmo.

Obstem, portanto, os que podem e devem fazel-o, á demolição do Velodromo de Algés, para que não acabem de todo, em Lisboa, as corridas velocipedicas em pista, esses bellos torneios deveras attrahentes e enthusiasmaticos, quando devidamente organisados.

Querem saber a commovente historia de um corredor cyclista francez? Narrava-a ha dias, e garantia a sua rigorosa authenticidade, *Le Velo*. Da eloquente narrativa d'esse jornal faremos um breve resumo.

Elle conta hoje vinte annos e é filho unico. Ha tres ou quatro annos desenvolveu-se-lhe uma violenta paixão pelas corridas velocipedicas, paixão que por nenhum modo foi possivel acalmar-lhe. Era uma loucura. Tomou parte em muitas corridas, em Paris, nos arredores, e algumas vezes na provincia. Ganhou bastante dinheiro, e isso contribuiu, naturalmente, para que a sua paixão augmentasse.

Os paes, vendo o seu enthusiasmo, a sua alegria, o seu delirio, e ao mesmo tempo que elle lhes entregava quasi todo o dinheiro ganho com a sua bicycleta — pelo que não receiavam de d'esse dinheiro fizesse mau uso — deixaram-no proseguir.

Ha mezes morreu-lhe o pag, que era o

amparo da familia, e essa morte deixou-a elle e a sua mãe immersos em difficuldades, que de dia para dia se foram aggravando. Eram então o unico recurso de ambos as importancias que elle ganhava nas corridas.

Nos ultimos tres mezes, porém, nada ganhou. Para terem que comer empenhou, por 125 francos, as suas duas machinas de pista, e em seguida ás machinas outros valores que possuíam.

Mas os recursos assim obtidos em breve se exgotaram. Nada mais tinham. Privado do necessario alimento, elle adoeceu. Mal se tinha nas pernas, e o seu aspecto inspirava commiserção. Entretanto ainda pensava em corridas, ainda sonhava novos triumphos, e a sua maior magua era a lembrança de que as suas machinas estavam no monte-pio.

Foi n'esta situação dolorosissima que a mãe do infeliz corredor se dirigiu á redacção do *Velo*, a qual, adquirida a certeza de que a triste narrativa era de todo o ponto verdadeira, com o auxilio de alguns amigos e da caixa de soccorros do syndicato dos corredores, tomou sob a sua protecção a desgraçada victima do *sport cyclista*, cujo nome o referido jornal discretamente occultou.

Ainda com respeito ao *Touring-Club de França*, de cuja importancia, influencia e relevantes serviços tratámos em o numero anterior, daremos hoje uma nota das quantias dispendidas por aquella prospera associação, nos cinco annos de 1894 a 1898, em subvenções para melhoramentos nas estradas, taes como postes indicadores, concertos, caminhos cyclaveis etc. As importancias, para melhor apreciação, vão expressas em moeda portugueza, reduzido o franco pelo valor de 200 réis.

Annos	Quantias dispendidas
1894	5065000 réis
1895	3:9335400 >
1896	7:9785000 >
1897	10:8285000 >
1898	16:0128800 >

A progressão constante d'estas subvenções dá a medida do successivo desenvolvimento da prosperidade moral e material da associação a que nos referimos. Por ella se poderá avaliar de algum modo quanto esse desenvolvimento tem sido rapido e brilhante.

O mais antigo cyclista do mundo é um tal Richardson, membro do club cyclista de amadores de Edimburgo, que principiou a montar em bicycleta em 1862.

O corredor lyónez Capelle, detentor do recorde do mundo dos 100 kilometros sem treinadores, prepara-se para effectuar, logo que o tempo lh'o permitta, o recorde Lyon Paris em bicycleta. São approximadamente 530 kilometros de distancia, que elle conta percorrer em 23 horas.

A archiduqueza Estephania, viuva do archiduque Rodolpho, filho do imperador d'Austria, soffreu ha dias um desastre velocipedico. A archiduqueza, que reside actualmente no castello de Miramar, perto de Trieste, na margem do Adriatico, todos os dias passeia em bicycleta, em companhia de uma das suas damas de honor.

Foi n'um d'estes passeios que uns cyclistas italianos, passando junto d'ella a toda a velocidade, a derrubaram violentamente. Por felicidade, a illustre princeza apenas soffreu o susto e algumas contusões sem gravidade. Quanto á sua bicycleta, essa é que ficou n'um estado lastimoso,

com uma das rodas n'um 8, o garfo quebrado e o guidador torcido.

Logo em seguida ao desastre foram expedidos telegrammas ao rei da Belgica, pae da archiduqueza, e ao imperador da Austria, a fim de os tranquilisar. Ainda assim o imperador ficou muitissimo impressionado, pensando que mais uma pessoa de sua familia poderia ter morrido de morte violenta.

Como nos annos anteriores projectam-se no actual, em Paris, importantes corridas velocipedicas. Entre outras estão já definitivamente resolvidas as seguintes:

2 de abril—(domingo de Paschoa)—Corrida annual (4.º anno), Paris-Roubaix, 288 kilometros. N'esta corrida tomam parte tambem motocyclos.

27 e 28 de maio—Corrida annual (9.º anno), Bordeaux-Paris por Orleans, 591 kilometros.

11 de julho—Corrida annual, Paris—Château-Thierry, 97 kilometros.

8 e 9 de julho—Corrida annual (6.º anno), do *Bol d'Or*, 24 horas em pista.

O Real Velo-Club do Porto distribuiu a todos os seus socios um elegante folheto, de formato adequado a carteira de algibeira, contendo a indicação dos nomes e moradas dos delegados d'aquella associação nas diferentes localidades do paiz e do estrangeiro, e bem assim a dos hoteis e estabelecimentos diversos que, por virtude de contrato celebrado, fazem descontos aos socios do mesmo Club nas contas que estes tem a pagar, para o que lhes basta apresentarem no acto do pagamento o respectivo cartão de identidade e o emblema do club. Esta publicação é mais uma prova do zelo e solicitude com que as direcções do Real Velo Club do Porto tem procurado constantemente ser uteis e agradaveis aos seus consocios, proporcionando-lhes, alem de recreio, todas as vantagens possiveis.

MAGALHÃES FONSECA.

TAUROMACHIA

As touradas, pelo lado historico

N'um meio em que, dia a dia, mais se accentua o pedantismo, não se torna sobrenatural o qualificativo de *grosseiro divertimento*, dardejado contra o espectaculo favorito do povo portuguez. Porem, as corridas de touros em Portugal, existem, desde o seculo XII em que os rudes guerreiros descançavam de correr charneças, expulsando os serracenos, para se entregarem com alegria á folgança de largar mastins aos touros e cravar-lhes nas espáduas e no dorso, as prefurantes ascumas e ligeiras lanças.

Este facto de antiguidade em nada remove a opinião dos pedantes, mas para que elles encarem as corridas como devem, lembrando-se dos galhardos tempos em que a gentileza era um assumpto importantissimo, passaremos a narrar-lhe alguns combates taurinos, nos quaes, reis, principes e fidalgos portuguezes se tornavam notaveis:

Na *Chronica d'El-rei D. Fernando*, diz o velho Fernão Lopes, referindo-se ao casamento da infanta D. Beatriz, que no dia da cerimonia o rei e a rainha vieram para as suas pousadas e depois de comer justaram e lidaram touros e... todo aquelle

dia se dispendeu em festas e cousas que a vodus pertenciam.

No *Livro da ensinancia de bem cavalgar toda sella*, escripto pelo proprio punho de D. Duarte, diz-se que o toureiro é uma das mais bellas applicações para aquelle nobre exercicio.

Garcia de Rezende falando d'este monarcha diz:

E as festas eram d'elle com grande veneraçam celebradas, e sempre n'ellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos costumes dos Reys seus antecessores convem a saber, no Natal consoadas, na Paschoa Ressurreçam, dia de Corpus Christi proçissão e touros, vespera de S. João grandes fogueiras, e no dia cannas reaes. Folgava elle de montar e caçar com galgos, açores e muito mais caça d'altanaria; tinha muito bons cães, muito bons libres e alães que mandava lançar aos touros.

Uma vez, em Alcochete, indo D. Duarte, a pé, de casa, com a rainha, amas e muitos fidalgos ver uma corrida no terreiro junto á egreja, aconteceu fugir um touro que, mettendo pela rua principal, trazia á sua frente muita gente em grita. El-rei, porém, com grande sangue frio, collocou-se em frente da rainha citou a fera e, com a capa no braço e a espada empunhada com grande segurança, esperou-a e dando-lhe tres passes luzidos deu tempo a que os capinhas viessem em seu auxilio, agradecendo el-rei a estes e censurando os fidalgos da sua comitiva que, esquecendo o sangue de portuguezes, haviam fugido como cobardes.

D'outra vez estando a correr touros no terreiro dos paços de Evora, um dos bichos arremetteu contra uma mal concertada tranqueira, obrigando toda gente que n'ella se encontrava, a fugir como louca. Um homem, porém, que estava ali embuçado n'uma capa, serviu-se d'ella e da espada que trazia e tão valentemente defendeu a sahida que obrigou o touro a retroceder. D. Duarte que, como valente, adorava os valentes, ficou impressionado com o facto, mandou chamar esse impassivel lida-dor e perguntando-lhe quem era e como se encontrava na córte, soube que era um individuo que, tendo feito uma morte em Lamego, andava fugido. El-rei então, como premio á sua audacia, intercedeu por elle para que o corregedor o livrasse e tomou-o para seu creado.

Sobre a personalidade d'este monarcha diz o illustre conde de Sabugosa:

que elle presava muito todas as manifestações de valentia e destreza, como eram a carreira, o salto, a barra, a desenvoltura a pé e a cavallo; o que, de resto, já vinha na tradição desde os antigos lusitanos, de cujos jogos gymnasticos e hippicos fala Strabão, citando o pugilato, escaramuças, e batalhas campaes que se transformaram no bafoardo, aléu, touros e cavalhadas.

São ainda do nobre titular estas palavras a respeito do toureiro:

este divertimento formava, embora o contem praguentos, homens destemidos, desenvolvia as qualidades physicas de uma raça activa e emprehendedora, exercitando-lhe a coragem, a destreza, exigindo-lhe superiores aptidões para a equitação, forte musculatura para o combate, distincção e elegancia no manejo do cavallo, certeza no empunhar do rojão á hespanhola, e principalmente no atirar do arremessão á murisca.

Comtudo, apesar da grandeza d'esse divertimento, o papa Pio V, em 1566, prohibiu as corridas de touros, lançando a excommunhão contra os que as permitissem, ou tomassem parte n'ellas.

No dia de S. João do anno de 1500, segundo narra Charles Yriarte, nas corridas organisadas atraz da basilica de S. Pedro,

em Roma, Cesar Borgia desceu, sem mascara, á arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um porpoem, e fazendo cinco *passes* de muleta, matou os cinco touros que lhe couberam, de baixo dos gritos d'uma multidão delirante.

A seguir toureou Cesar Borgia, mas d'esta vez a cavallo, fazendo pomposas cortezas, por occasião do terceiro casamento da sua celebre irmã Lucrecia.

Em 1573, o papa Gregorio XIII de novo permittia as corridas de touros, sob duas condições: 1.^a sendo cerradas as pontas aos touros, 2.^a serem corridos unicamente na presença dos monarchas.

Diz Bernardes Branco:

que El-rei D. Affonso VI soffreu d'uma vez uma sangria em virtude d'uma quédá que deu quando toureava no pateo de Odivellas; facto este que, em extremo, desgostou sua esposa, a rainha D. Maria Francisca de Saboya, cujo odio pelas lides taurinas era deveras manifesto.

Vejamos agora o que, a respeito de D. Pedro, diz o livro *Monstruosidades do tempo e da fortuna*:

Em 1672 seguia D. Pedro a sua arriscada inclinação pelo que esteve perigosissimo, buscado dos cornos d'um touro que lhe rompeu o freio do cavallo, e este desbocado o despenhára se o principe se não apegasse a uma columna, largando a sella do cavallo. Mais tarde na Côte Real de novo se viu arriscado e sahio sem necessidade de sangria que não quiz tomar.

O mesmo livro diz ainda:

E como o rei D. Pedro, dotado d'uma força extraordinaria, gostava immenso de ir algumas vezes agarrar um touro á unha, a rainha receiando alguma desgraça maior, tanto trabalhou que obteve a supressão d'essas corridas, excepto nas occasões de nascimentos de príncipes ou princezas.

Esta prohibição, porém, não durou muito porque, no reinado seguinte, lidaram-se touros no Rocio.

Em 19 de setembro de 1836, um decreto referendado por Manuel da Silva Passos, prohibia as corridas em todo o reino, attendendo a que ellas eram um espectáculo barbaro, e proprio para conduzirem o homem á crueldade e ao crime. Em 30 de junho de 1837, as côrtes geraes revogam esse euphatico decreto e de novo surgiam as corridas, o divertimento caracteristico e dilecto do povo lusitano.

11

Em Xabregas, no anno de 1575 e no dia 24 de junho, estava construida a praça mandada fazer pela camara e devia realisarse uma corrida deslumbrante e faustosa, attendendo aos variados lidadores que eram El-rei D. Sebastião, neto de Carlos V, depois perdido na celebre batalha de Alcaer-Kibir; D. Antonio, prior do Crato, já dispensado das ordens sacras e armado cavalleiro; o duque de Aveiro, primo de el-rei; Christovam de Tavora, valído e esquireiro mór; D. Albano de Castro, filho de D. João de Castro; Luiz da Silva, corteão; conde da Sortelha; D. Luiz de Meneses, e muitos outros jovens, fina flor da nobreza.

El-rei trajava uma capa de panno preto e o capuz com botões de diamantes, rubis e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes, e as faldas até ao joelho. Calças vermelhas com poucos rufos, barrete chato de velludo carregado para a testa até ao sobr'olho, adornado com um cordão d'ouro. As botas eram largas, de cordovão preto, a espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo, de velludo preto recamado de ouro e perolas.

O publico cobria as bancadas e quando encheram as tribunas, adornadas com vistosas colgaduras, guadamecis, e tapeçarias com quadros symbolicos, a rainha D. Catharina, a infanta D. Maria acompanhadas de D. Philippe de Athayde, D. Francisca de Aragão, D. Joanna de Lima,

D. Joanna de Castro, D. Nuno Alves Pereira, Pedro d'Alcaçova e muitos outros, os lidadores disporam-se para as cortezas que haviam de preceder as caças reaes.

(Continúa).

EDUARDO DE AGUILAR.

DIVERSAS

Torneio athletico

Foi finalmente Pytlasinski, o celebre campeão russo que ganhou o campeonato internacional de lucta realizado em Paris, como dissémos no ultimo numero.

Pytlasinski pesa 110 kilos e tem de estatura 1 metro e 90 centimetros

Foi derribado por Constant le Boucher, assim conhecido por ter sido carniceiro; este foi o 2.^o vencedor; tem 20 annos e pesa 85 kilos e ganhou o campeonato do norte de França o anno passado.

O terceiro classificado era o nosso favorito Aimable de la Calmette, que pesa 95 kilos e tem 24 annos.

O quarto, emfim, foi Laurent le *beaucairois*, do paiz de Tarascon; pesa 144 kilos e levanta 80 libras com o braço estendido. M. D.

Automobilismo

Começa a desenvolver-se, n'esta cidade, este novo genero de *sport*, e que lá fóra está já hoje muito conhecido.

Ha uns 2 mezes veiu o primeiro tricycle a petroleo para o distincto engenheiro e capitalista, sr. Carlos Villares e logo em seguida veiu outro para o importante industrial, sr. Amadeu Maria Martins. Estão a chegar mais dois para os srs. Antonio da Silva Cunha, dono da importante fabrica Confiança e João Garrido, conhecido negociante de velocipedes.

Todos estes *moto-cycles* são da importante fabrica *Clément* e já muito mais melhorados do que o que possui Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso.

Já ha tambem uma bicyclette com motor *Werner* pertencente ao sr. R. Lemos.

O sr. Alberto Andersen importante negociante e industrial portuense encomendou um carro automovel *Decauville* e espera-o brevemente.

Fala-se já na formação de um *Automobile-Club*!

Porto, 17 de fevereiro.

NEMELCO.

CHARRETTES INGLEZAS

PARA CREANÇAS

ESTAS CHARRETTES proporcionam ás creanças a melhor e mais higienica distracção.

A Casa Santos Diniz, recebeu uma grande remessa d'estas elegantes Charrettes proprias para os parques e campo.

As Charrettes inglezas são muito faccis de transportar; desarmam-se e occupam pequeno espaço.

Unico deposito: CASA FAVORITA de Santos Diniz

50, Praça dos Restauradores, 52

(AVENIDA DA LIBERDADE) — LISBOA —



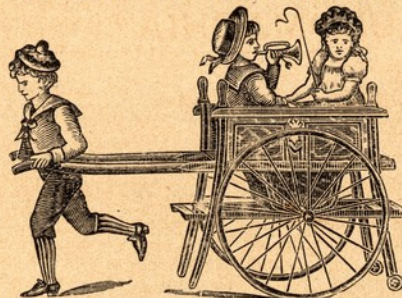
JOÃO VAZ DA COSTA

CONSTRUCTOR DE MÓDULAS ESCOLARES

Fornecedor do Estado e Camaras Municipaes

142, Rua do Bemfornico, 143

LISBOA



CYCLEDOR

JOSÉ D'OREY & C.^{TA}

Unicos agentes em Portugal das celebres bicycletas Peugeot, bicycletas que maior numero de primeiros premios tem ganho em Portugal

DEPOSITO DE VELOCIPEDES E SEUS ACCESSORIOS

Artigos de Sport

LAWN TENNIS E MAIS JOGOS ATHLETICOS

Avenida Palace: - Rua do Principe

Endereço telegraphico — CYCLEDOR

CYCLISTAS!!

A CLEMENT em 1899, continuará, como em 98 a ser a primeira

A CLEMENT é a preferida pela nobreza, pelo clero e pelo povo. Nem podia deixar de ser assim, desde que se sabe que a sua reputação é universal e que nenhuma outra bicycleta a iguala em elegancia, perfeição, leveza, rolamentos e preço. Preferam a CLEMENT pois, se querem possuir uma bicyclete de confiança. A CLEMENT é estrada, é construida para supportar um peso d'um cyclista de 140 kilos. Bicycletes desde 80\$000 réis. Concertos gratis nas bicycletes vendidas por nós. — Vendas a prestações mensaes.

SANTOS BEIRÃO & HENRIQUE — Rocio, 15 — Lisboa



ALBUNS PARA SELLOS

A 200, 240, 300, 350, 600 e 1\$000 réis e grandes, completos a 3\$000 r2is.

SELLOS PARA COLLECÇÕES

Ha o maior sortimento a preços convidativos, e pacotes a 20, 30, 50, 100, 150, 250, 300, 400, 500, 1\$000 réis e mais preços.

F. A. MARTINS

Praça Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Casa Columbia

25, Rua Garrett (Chiado), 27

Unico deposito de bicyclettes Columbia e Hartford da celebre fabrica Pope & U.º New York, America.

Vendas a prompto e a prestações (sem entrada). 1\$000 réis semanacs

Ensino, aluguer e reparações em todos os sistemas de bicyclettes.

Completo sortimento de accessorios. As magnificas cornetas Espanhola cães.

CASA COLUMBIA

MODELS FOR 1897 READY



COLUMBIA

GREATEST BICYCLE FACTORY IN THE WORLD

SOLE MANUFACTURING CO
HARTFORD, CONN. U.S.A. & C.

NEW CATALOGUE SENT FROM ANY COLUMBIA AGENT BY MAIL FOR A TWO CENT STAMP

Consultorio dentario

Saturio Augusto Paiva
Cirurgião dentista

pela escola de Paris.—Doenças de Locca e dentes

60, 2.º, RUA SANTA JUSTA, 60, 2.º

Consultas gratis aos pobres das 10 ás 11 da manhã

VINHO ROCHEIRA

Velho (1896) especial para doentes, series de 12 garrafas..... 1\$200
Novo (1898) series de 12 garrafas..... 1\$380
Vinagre natural de vinho branco..... 70
Azeite especial superior de C. Branco, e do Escural litro.... 320
Dito velho finissimo de Santarem, litro..... 340
Vinhos superiores do Porto e Madeira.

Aguardente velha de vinho. Emprestam-se todas as vasilhas. Porte «gratis». — Requisições por —lhetes postal, a

A. Andrade & C.º

Rua Serpa Pinto, 30 — LISBOA

LIVRARIA FERREIRA

FUN. A. A. EM 1869 POR MANUEL JOSÉ FERREIRA

ACTUAES PROPRIETARIOS

Manuel José Ferreira, successores

132, 134, Rua Aurea, 136, 138

LISBOA

Grande sortimento em livros de missa e semana santa. Livros para os cursos superiores e primarios. Livros juridicos e de ciencias, nacionaes e estrangeiros.

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios do mundo.

Assignatura para todos os jornaes estrangeiros, de sport, modas, scientificos, litterarios, theatro, etc.

Satisfazem-se todas as encomendas com a maxima brevidade.

AOS CAÇADORES

EXCURSIONISTAS

Conservas — (pickles)

MOSTARDA PREPARADA

FABRICA M. A. BRITO

Pedir em todas as mercearias e confectarias

MEMORIAS

DE
José Joaquim Peixinho

POR
EGYDIO D'ALMEIDA

Biographia e apontamentos tirados das memorias particulares do fallecido e notaval toureiro portuguez.

PREÇO 400 RÉIS

A' venda em todas as tabacarias e kiosques

Companhia Industrial Productora DE PAPEIS PINTADOS

Premiada em todas as exposições a que tem concorrido

27, Rua de S. Sebastião da Pedreira, 27
N.º TELEPHONICO 878

Fabrica papeis para forrar casas em todos os generos; papeis para encadernação, percalinas, chagrim, agathas; papeis marmoreados; papeis couchés para chromos e papeis de lustro para etiquetas e rotulos.

ARMAZEM DE VIVERES

ALBINO DAVID MARTINS

Generos de primeira qualidade
Especialidade em café, lote 7ºo réis o kilo
Fructas nacionaes e estrangeiras
Queijos, etc.

39, Rua Nova do Carmo, 41
LISBOA

Agenda do Sportsman

FOR

L. Andrade e H. Anachoreta

Propriedade da Associação dos Caçadores Portuguezes

Agenda interessante para os amadores de caça, tauromachia e velocipedia.

Preço 100 réis

Dirigir pedidos para a Praça de Luiz de Camões, 46, 2.º

Caçadas Portuguezas

Paizagens — Figuras do Campo

FOR

ZACHARIAS D'ÁÇA

PREÇO 700 RÉIS

A' venda em todas as livrarias

Agencia Havas — Recebe annuncios para esta revista.—Rua do Ouro, 30.
LISBOA

A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

RUA DE S. PAULO, 216

Encarrega-se de todos os trabalhos typographicos, taes como facturas, mappas, memoranduns, romaneos, jornaes, bilhetes de visita, etc., etc.

POR 500 RÉIS SEMANAES

POR 500 RÉIS SEMANAES



POR 500 RÉIS SEMANAES

105, PRAÇA DO LORETO, 107

LISBOA

ROS CAÇADORES!

Grande e variadissimo sortimento de espingardas de 1 e 2 caños, de carregar pela boca e de carregar pela culatra, recebidas directamente da acreditada fabrica Vic'or Collette de Liege e d'outras, assim como da acreditada fabrica Manufactura Francaeza d'Armas de St. Etienne—França.

Revolvers

de diversos systems e calibres. Legitimos revolvers americanos Smith Wesson, Colt e outros.

Carabinas

Flobert, Merwin Hulbert e de outros systems.

Carabinas Buffa'lo

proprias para carreiras de tiro. Estas carabinas estão sendo adoptadas em França em todas as escolas de tiro, por serem de muita precisão e poderem servir para atirarem a distancias de 30, 50, 100 e 200 metros.

Cartuxos

vasios ou carregados, cargas para revolver e carabinas, e todos os accessorios concernentes aos caçadores.

PREÇOS RESUMIDOS

F. A. Ventura
T. DE S. DOMINGOS, 50 a 56
LISBOA

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO



Para S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Caes do Pico, Fayal e Flóres

Sae o vapor **Açôr**, commandante Manoel Cazimiro Pacheco, no dia 5 de Março ás 10 horas da manhã. Trata-se com os agentes, Caes do Sodré n.º 84, 2.º andar.

Germano Serrão Arnaud.